

RELATO DE EXPERIÊNCIA E PRÁTICA

UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA SE ENCONTRA COM AS HISTÓRIAS OFERECIDAS PELOS MÚLTIPLOS ESPAÇOS: A ESCOLA COMO POTÊNCIA DE FLUXOS

Cleber Abreu da Silva¹

RESUMO

Por muito tempo em minhas práticas escolares, acreditei que o espaço em que vivemos era absoluto, repleto de representações, já fixas, e que minha prática docente consistia em explicar seus acontecimentos. Esta escrita vai ao encontro de captar mudanças que aconteceram a respeito das possibilidades de um professor/pesquisador de geografia, em relação com os muitos alunos, nas maneiras em que passa a ver e circular pelo espaço. O objetivo é escancarar o movimento por esta esfera, compreendendo a escola, os discentes, o professor, a comunidade, e como as teorias subsidiaram parte importante dos movimentos que começaram a ser sentidos. A circulação por este espaço ocorre por meio de algumas correntes metodológicas da ciência geográfica, e que afetam os pensamentos na educação geográfica de uma forma geral. O entendimento conceitual de um espaço em locomoção se fez essencial, por isso parto de sua vertente mais estrutural para uma perspectiva que abre oportunidades aos múltiplos grupos, inclusive corpos. Sabendo que esses eventos/acometimentos estão, empiricamente e teoricamente, em permanentes atravessamentos e relação, a pesquisa chegou a uma escola em que foi possível as diferenças (co)existirem, sem se imporem com hegemonias e/ou hierarquias. Práticas pedagógicas/geográficas em que todos foram vistos em suas potencialidades, propiciaram a vivência de uma multiplicidade de contingências, desencadeando inéditos fluxos, conflituosos e convergentes, verticais e horizontais, vindos das espacialidades, em diferença, e que começaram a experimentar no território escolar uma oportunidade de melhor se compreenderem neste espaço, historicamente fixo e autoritário.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Espaço Geográfico. Diferença. Escola.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; mestre em Gestão Pública pela Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais; especialista em Psicologia do Desenvolvimento Humano pela Universidade Federal de Juiz de Fora; professor de Geografia, lotado na Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora, Minas Gerais. E-mail: clebera3@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa sobre o espaço geográfico em suas relações escalares mais amplas que atravessam a escola, e que também é atravessado pela mesma, inclusive pelos corpos que nela habitam. É também uma pesquisa que tenta se encontrar com esses corpos que gritam nas salas de aula, procurando saber o que ocorre com o professor, com suas, não tão suas, propostas pedagógicas. Quer-se ouvir esse grito, silencioso, quando o mesmo ensurdece, incomoda, precariza, se eleva à superfície em fuga do subterrâneo, traçando novos espaços produzidos pelas políticas que não são intencionalmente postas.

Tem-se o espaço geográfico como referência à busca dos acontecimentos, o espaço da materialidade, sendo dele que parto para entender o que nele acontece, e sabendo que, ao se (des)entender, pouco do que nele acontece continuará como era. Mas que materialidade é esta? Apenas a construída? O que é reflexo dos meios de produção da economia? Absoluta em suas representações? Ou essa materialidade também é desdobramento das relações, daí o espaço relativo? Essa relatividade enxerga o espaço como um conjunto de lugares que abriga diferentes formas nas territorialidades, por exemplo, do capitalismo, ou incorpora as ações humanas como parte indispensável a essas territorializações? E o espaço vivido, o sentido de imediato pelos corpos? E os corpos nessa perspectiva, passam a ter maior protagonismo na produção deste espaço? São algumas possibilidades.

Meu movimento como professor de Geografia na educação básica possui intrínseca relação com muitas dessas perspectivas de análise sobre o espaço, e aqui quero me debruçar sobre acontecimentos que entram com tamanha violência na escola, mais especificamente na sala de aula, mas que não ficam nelas retidas. Desejo escancarar como essa violência me invade, circula pelos corpos que me relaciono neste lugar, tendo algumas vivências pedagógicas e geográficas como oportunidade no traçar de linhas que nos pega, nos leva, nos traz, enfim, nos direciona aos movimentos permanentes que ocorrem neste espaço em análise, e que, desencadeado por ele, também ocorre o despertar de deslocamentos outros.

Para esta escrita a expectativa da aprendizagem escolar geográfica é que nos servirá de referência à apresentação de uma história, que se misturará a outras histórias, formando uma multiplicidade delas. O lugar escolar é parte da esfera espacial que me une aos corpos dos alunos, e no que ali fazemos recai uma infinidade de expectativas, formas pré-estabelecidas sobre o que devemos falar, como iremos conversar, a maneira em que seremos avaliados, ou seja, uma idealização do produto a ser entregue.

Mas, quando sou um corpo neste espaço, não consigo sê-lo como foi previamente

pensado. O aluno que comigo interage não traça uma linha linear composta por um início e um fim, pois, imediatamente aos encontros, ocorrem desencontros, isso porque outros espaços são trazidos, diferentes intenções são postas, movimentos distintos passam a se refletir nas palavras pronunciadas, nas representações fixadas, despertando relacionalidades não idealizadas. Este trabalho, em parte, quer caminhar com formatos de ensino e aprendizagem de geografia que são (des)construídos à medida que os corpos escolares se (des)encontram no lugar da sala de aula.

Caminhamos por este lugar, com linhas, diversas, que se iniciam numa intencionalidade e que nos tenta fazer querer esperar algo, em comum, do que aprender na geografia. O que se consegue quando este querer aprender geografia tenta impor um formato espacial pronto? O que ocorre com as muitas funções que atravessam a escola e os corpos escolares quando estas passam a ser ressignificadas por acontecimentos específicos do lugar? Quando nos entrelaçamos às múltiplas linhas que tracejam os lugares escolares, possibilidades outras à aprendizagem geográfica passam a ser imaginadas, e será que essas imaginações podem se tornar materialidades? *Neste entrelaçamento de histórias, que espaços outros surgem quando as estruturas e os corpos escolares se (des)encontram?*

2 OBJETIVO

Acompanhar como as relações espaciais objetivas se transformam ou reconfiguram quando expostas aos fluxos-devires que atravessam as relações escolares em suas potências múltiplas, a partir das histórias de um professor de geografia.

3 CONVERSÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS E AS HISTÓRIAS

O que é o espaço geográfico? O que é o espaço pedagógico? O que pode ser o espaço metafórico? O que é o espaço para a história, para a sociologia, para a filosofia? Como vemos, circular pelo espaço nas ciências humanas e sociais não é algo fácil. Por muito tempo, admito, me relacionei com o espaço como uma espécie de receptáculo de todos os acontecimentos que nele ocorriam, não diferenciando as forças que nele atuam, e o modificam. Este espaço é o que Massey (2013) chama de representativo, repleto de acontecimentos fixos, parados, absolutos, geometricamente apresentados, entendidos e reproduzidos.

A partir da leitura de Santos (2014), em minha história, o espaço foi se configurando

como relativo, composto por um sistema de ações, em relação com um sistema de objetos. Santos (2014), neste meu processo formativo, apresentou importantes possibilidades para uma melhor compreensão de como esses sistemas funcionam, analisando o espaço com categorias, entre elas as da função, forma, estrutura e processo. Na primeira década dos anos 2000, para mim, se configura uma conversa com o espaço geográfico na perspectiva da pós-modernidade, especialmente através de Harvey (2014).

Todavia, como Latour (2013) me ajuda a entender, parte importante dos autores e pensamentos citados fica em apenas uma das extremidades da análise, atribuindo relevância aos acontecimentos da estrutura. Por isso, houve autores, também na geografia, que trouxeram a reflexão sobre o espaço para uma ambiência próxima ao indivíduo em suas percepções mais imediatas, ocorrendo um destaque para Yi-Fu Tuan (1983). Além disso, a influência do pensamento filosófico sobre a maneira em que a Geografia compreendia as relações espaciais se destacava em muitos desses autores, e outros aqui não citados. Nesse aspecto, tanto a geografia quanto a filosofia, pensando o espaço como objeto refletido, penetram a pedagogia e alguns dos caminhos trilhados por elementos desta ciência. De uma forma bem geral, é sob a influência dessas três ciências humanas que as ressignificações sobre o espaço, em suas relações mais amplas com a escola, começam a ocorrer no meu trabalho.

Com Nietzsche (2009), Deleuze e Guattari (2011), Foucault (2016) e Latour (2011), outras possibilidades se apresentam que não apenas as estruturalistas e fenomenológicas, sendo que, entre elas, há muitas redes que podem ser percorridas, tecidas, elevadas à superfície, e que possuem tanta relevância no que diz respeito às formas e funções quanto qualquer outra força mais poderosa previamente ratificada por alguns paradigmas estabelecidos.

Considerando estas perspectivas e transformações no entendimento e relação com o espaço, este continua a ser composto por uma materialidade, mas não apenas a construída por uma hegemonia, seja ela estatal, empresarial, institucional, ou supranacional, havendo também as ações de indivíduos “comuns”, que possuem robusto potencial à subversão do estabelecido. Em conversa com algumas dessas teorias, o corpo passa a ter importância na territorialidade deste espaço, se movimentando sobre ele, com ele, o desfazendo, o (re)construindo, ou destruindo.

Eu, professor, estudante e pesquisador, sou um dos corpos dessa história, de algumas a serem apresentadas nesta pesquisa. Em uma delas, num desses muitos longos dias em vivências propiciadas pela docência, escrevia no quadro, recorria ao livro didático, elaborava

perguntas com respostas já dadas, até que um grupo de alunos, em um total de quatro, apresentou movimentos que criavam uma (des)temporalidade do que era (im)posto por mim. O tema da aula era o efeito da independência dos Estados Unidos para a formação do território daquele país, e o que me incomodou foi ver corpos que rejeitavam reproduzir as funções dadas a eles naquele lugar, o escolar. Eles sorriam, enquanto o esperado era que estivessem sérios, eles se movimentavam, como se brincassem, sendo que o demandado era a necessidade da introspecção, eles pronunciavam palavras que não indicavam ter relações com o conteúdo proposto no quadro e livro didático, ou seja, os mesmos pareciam se recusar a aprender geografia.

Fico sem saber o que fazer, pois ali estava para ensinar, falar sobre o território dos Estados Unidos, descrever o espaço criado naquele país após o que se convencionou chamar de expansão para o oeste. Todavia, algo precisava ser feito, até para harmonizar as relações corporais, chamar todos e todas a conversar sobre o tema que eu estabelecia. Lanço algumas palavras, onde argumento que o certo era interromper o diálogo entre eles, e que os mesmos precisavam prestar atenção no que eu apresentava. Assim, todos iriam ter desempenhos satisfatórios nas atividades avaliativas, demonstrando que aprenderam, e, com isso, estariam mais aptos a um futuro de maiores e melhores oportunidades, isso em um mundo cruel com aqueles que não aprendem.

(In)felizmente não me ouviram, continuaram a conversar sobre acontecimentos ligados às experiências de cada um deles no lugar que moram, particularmente sobre uma parte em que poucos podem entrar, isso porque este é controlado por um grupo que impõe restrições à circulação. Bem, me vejo em um impasse, pois tenho um restante da turma interessada em aprender e apenas esses quatro alunos impondo deslocamentos aos nossos movimentos.

Meu compromisso com as intenções educacionais de fazê-los aprender geografia se sobrepôs, por isso recorro ao programa do curso, à parte curricular oficial que nos (des)informa que aquele tema, por exemplo, possui grande relevância em exames que os alunos podem fazer, isso se quiserem sair da condição social e econômica que vivem. Argumento que a pobreza é apenas curada com a educação, com a aprendizagem, e que a geografia é um dos conteúdos disciplinares cobrado em concursos, vestibulares e propósitos do gênero, e que alcançar essas provas seria a trajetória a ser seguida, por isso ali estávamos, e que, para os que não quisessem, que se retirassem, exatamente para possibilitar o sucesso dos que respeitam as regras.

O tensionamento persiste e passa a ser ilustrado na seguinte frase proferida por um dos

integrantes do grupo: “[...]professor, faz o teu aí que nós não enche o saco aqui.” Essa fala cria uma interrupção definitiva ao conteúdo proposto, às intenções de aprendizagem esperadas por mim. Vejo nos rostos de parte dos alunos que acompanhava a aula com a atenção esperada, uma expressividade que denota expectativa, isso do que eu iria fazer, de qual ordem daria, de qual encaminhamento apresentaria aos corpos que persistem na recusa de aprender geografia. Tive uma total (im)potência em me relacionar com esses corpos em recusa, mas também tinha resistências em expulsá-los, por isso proponho um acordo, rapidamente aceito por uma liderança do grupo. A proposta era a de que eles poderiam continuar a conversar, agora sem serem incomodados por mim, desde que também não atrapalhasse meu objetivo maior, pelo menos naquele dia, que era o de explicar, aos que desejavam aprender, o tema (im)posto pelo currículo oficial, que era sobre alguns dos desdobramentos geográficos da independência dos Estados Unidos.

Algun tempo depois, cerca de dois meses da experiência relatada, o mesmo aluno vem ao meu encontro e diz que queria fazer uma proposta. Um pouco assustado, confesso, o ouço, e o mesmo diz o seguinte: “*Professor, te achei legal naquele dia, e em outros também, por isso quero, na sua aula, fazer diferente do que faço nas aulas dos outros professores. Na aula deles, eu toco o terror, e faço os outros tocarem também, mas, na sua, pelo senhor ser gente boa, quero fazer diferente. Por que o senhor não propõe alguma coisa diferente na aula? Não precisa ficar na falação, faz outra coisa! [...]*”. Essa proposta, de imediato, me incomodou, pois me direcionou a fazer um movimento que não foi o pensado por mim. O aluno, indiretamente, afirmou que se eu não fizesse da forma proposta por ele, possivelmente “*tocaria nas minhas aulas o mesmo terror que tocava com os outros professores*”.

Quais oportunidades uma proposta como essa me oferece? E com o ensino de geografia, o que acontece? Deixa de ter importância curricular quando alunos não enxergam sentido em suas propostas? A geografia, como conteúdo escolar, sobreviverá se persistir em justificar sua essencialidade apenas à aprovação dos exames? Há um espaço a ser apresentado, ou existem espaços a serem construídos? Quando um aluno propõe uma outra forma de dar aula, ele quer desqualificar o espaço hegemônico ou quer, também, nos chamar a atenção para a existência de outros espaços, geralmente negligenciados?

No tempo da experiência apresentada não soube o que fazer após a proposta realizada pelo aluno que se recusava a aprender geografia. Simplesmente passei a ignorar a sua presença em sala, torcendo, cada vez mais, para que o mesmo não fosse às aulas, talvez porque não quisesse respondê-lo, ou me recusasse a negociar com ele. Era resistente às ideias de aulas negociadas, um currículo conversado, um espaço que não fosse o pronto a ser

descrito, sem brechas. Portanto, à época, rejeitei continuar a relação com corpos que se recusaram a aprender geografia, pedindo remoção da referida escola, idealizando encontrar alunos que quisessem aprender, instituições que estivessem em lugares onde sua comunidade se envolvesse com transformações, que, finalmente, pudesse me encontrar com corpos que não subvertissem algumas (in)certezas estabelecidas, inclusive como única possibilidade de libertação da pobreza em que a maior parte vive.

4 ALGUMAS DISCUSSÕES, OUTRAS POR VIR

Que espaço podemos habitar se sairmos de seus entendimentos extremos? Que espaço escolar atravessaremos se nos relacionarmos com os potentes fluxos que o compõem? Quando as histórias são revisitadas o que passa a (co)existir?

Este trabalho inicia uma proposta de sair do sedentarismo que fixa o espaço geográfico, quer se encontrar com escritas outras que fujam das prescrições que a linguagem ainda nos coloca, quer saber o que se (re)descobre quando agentes em sua subjetivação influenciam, são influenciados, desvelando agenciamentos em suas individualidades, ainda cerceadas por signos representativos que fecham as portas aos devires.

Essa pesquisa tem muito mais (im)possibilidades do que certezas, pois o que se deseja é o (des)encontro com histórias, sabendo que elas atravessam, destroem, desconfigura a imagem de um professor que tem, tinha(?), intenções fixas em apresentar caminhos. Caminhos que, por meio de pedagogias, acreditei subsidiar a produção de um espaço, o fechando às metamorfoses, priorizando epistemologias, ignorando as ontologias, representando e instituindo símbolos que apenas serviram para a (re)produção deste espaço, também com o aval do espaço escolar, e meu. Agora, não mais amanhã, com a ajuda de ontem, vejo que este espaço geográfico tem brechas, lacunas, fendas, fronteiras, todas permanentemente circuladas e territorializadas por corpos, diversos, diferentes, (in)esperados, (in)desejados, (des)enterrados, que ao descobrirmos suas potências em subjetivação, o que (des)encontraremos?

A GEOGRAPHY TEACHER MEETS THE STORIES OFFERED BY THE MULTIPLE SPACES. THE SCHOOL AS POWER OF FLOWS

ABSTRACT

For a long time in my school practices, I believed that the space we live in was absolute, full of representations, already fixed, and that my teaching practice consisted of explaining its events. This writing is in line with capturing changes that have taken place regarding the possibilities of a geography teacher/researcher, in relation to the many students, in the ways in which he starts to see and circulate through space. The objective is to open up the movement in this sphere, including the school, the students, the teacher, the community, and how the theories subsidized an important part of the movements that began to be felt. The circulation through this space occurs through some methodological currents of geographic science, and that affect the thoughts in geographic education in general. The conceptual understanding of a space in locomotion has become essential, so I start from its more structural aspect to a perspective that opens up opportunities for multiple groups, including bodies. Knowing that these events/events are, empirically and theoretically, in permanent crossings and relationships, the research arrived at a school in which it was possible for differences to (co)exist, without imposing themselves with hegemonies and/or hierarchies. Pedagogical/geographical practices in which everyone was seen in their potential, provided the experience of a multiplicity of contingencies, triggering unprecedented flows, conflicting and convergent, vertical and horizontal, coming from spatialities, in difference, and which began to experience in the school territory a opportunity to better understand each other in this historically fixed and authoritarian space.

Keywords: Teaching Geography. Geographic space. Difference. School.

ALGUMAS REFERÊNCIAS EM DIÁLOGO....

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*. vol. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. 25. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

MASSEY, D. *Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. *Em defesa da escola: Uma questão pública*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras,

2009.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante*. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, M. *A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SKLIAR, C. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TUAN, Y. F. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

Recebido em 04/03/2022.

Aceito em 28/11/2022.